

## TESTE Miguel Sanches

O surgimento do Krell KAV-300i, há pouco mais de dez anos, introduziu um novo conceito no universo da alta-fidelidade: o de amplificador integrado *high-end*.

Até então, qualquer sistema com pretensões «audiófilas» tinha que incluir necessariamente uma combinação *pré-power*, sendo os integrados olhados como um mero compromisso em relação aos componentes separados. E justificar o investimento num integrado superior, por exemplo, um Audiolab 8000A ou a um Musical Fidelity A1, não era tarefa fácil, quando por pouco mais surgiam já os primeiros conjuntos *pré-power* das mesmas marcas. Ao nível do *high-end*, os poucos integrados existentes não passavam de objectos exóticos, como o Audio Note Ongaku (o qual, mesmo hoje na sua reencarnação enquanto Kondo, continua a ser um objecto exótico...).

O que se seguiu foi uma avalanche de novos integrados, de origens tão insuspeitas como a Mark Levinson, a Jeff Rowland, a Accuphase, a Classé, a Burmester, a Audio Research, a Conrad-Johnson, e a então recém-criada Ayre.

A verdade é que, da mesma forma que a distância mais curta entre dois pontos é a recta que os une, também os amplificadores integrados são a forma mais simples e eficaz de ligar diversas fontes de sinal a umas colunas. As vantagens em relação a uma combinação *pré-power* ao mesmo nível são relativamente óbvias: todos os circuitos numa única caixa (o que, com a separação dos andares de *phono*, deixou de ser um problema) e menos cabos nas ligações entre componentes contribuem não só para uma maior simplicidade no percurso do sinal, como para uma economia de meios e recursos.

A minha própria evolução na alta-fidelidade tem sido feita à conta de amplificadores integrados, e da sua constante comparação com algumas combinações *pré-power* ao mesmo nível. O meu primeiro amplificador foi um NAD 3020e, o qual deu mais tarde lugar a um Audiolab 8000A. O passo seguinte foi um Krell KAV-300i, e desde 2000 (há já sete anos...) que o Mark Levinson No.383 ocupa um lugar residente no meu sistema.

Neste ensaio abordam-se duas alternativas actualmente disponíveis, as quais, para além de vários pontos em comum, partilham o mesmo distribuidor em Portugal. O Conrad-Johnson CA200 e o Ayre AX-7e foram ouvidos recorrendo à mesma fonte de sinal – o Mark Levinson No. 3905 – e, quase em simultâneo, com as Thiel CS1.5 e com as Martin-Logan Vista.

# Amplificadores integrados conrad-johnson CA200 e Ayre AX-7e



## TESTE conrad-johnson CA200 e Ayre AX-7e



### conrad-johnson CA200

Apesar da tradição da conrad-johnson em torno da amplificação a válvulas, o CA200 é mais um exemplo da capacidade de William Conrad e Lewis Johnson para criarem amplificadores magníficos, independentemente da tecnologia utilizada. O CA200 é um amplificador a transístores, debitando por canal cerca de 185 Watt sobre 8 Ohm.

Exteriormente, o CA200 é em tudo semelhante ao prévio Premier 18LS e ao protótipo do integrado Premier 150CA que vi em Las Vegas em 1998. Este facto, aparentemente sem qualquer importância, diz tudo acerca do comprometimento da conrad-johnson em concentrar todos os recursos no mais importante – o desempenho do amplificador –, economizando no desenho e na produção de um novo visual sem valor acrescentado para o resultado final.

Este foco no desempenho dos seus produtos é traduzido pelo lema da marca – *It just sounds right* – e pela discricção característica de Conrad e Johnson, que se reflecte por exemplo na identificação da marca sempre em minúsculas.

O CA200 é baseado no *power Premier 350*, da série de referência da marca, cujo circuito de amplificação utiliza FET's e transístores bipolares. O integrado, para além de menos potente, inclui um atenuador discreto e um simples selector de entradas, em substituição de um estágio de pré-amplificação, razão pela qual a conrad-johnson se refere ao amplificador como «amplificador de controlo», em vez de amplificador integrado. O objectivo é eliminar todas as ligações supérfluas e simplificar ainda mais o caminho do sinal.

Apesar da sua simplicidade, o CA200 oferece cinco entradas de linha, uma saída para ligação a um amplificador externo, e dois *loops* de entradas e saídas (designadas EPL) destinadas à ligação de gravadores ou à sua utilização num sistema multicanal enquanto amplificador de ganho unitário. Como é hábito na marca, o CA200 permite o balanço entre canais, motivo pelo qual existem dois indicadores do nível de volume no painel frontal. O controlo remoto é, como seria de esperar a este nível, uma peça condizente com o amplificador, em alumínio.

Toda a construção do CA200 é acima de qualquer suspeita. O peso do amplificador diz tudo acerca da sua solidez, e os dez pares de fichas RCA situadas no painel traseiro são da melhor qualidade. A propósito, o CA200 não possui qualquer entrada balanceada, mas apenas *single-ended*. Os terminais para as colunas são muito robustos, embora lhes falte uma identificação por cores, e estejam demasiado próxi-

mos para permitir a correcta ligação de cabos com terminações mais volumosas. Os meus Kimber Monocle XL, terminados com forquilhas WBT, tiveram que ser ligados com uns adaptadores da Audioquest.

O CA200 chegou ao meu sistema por sugestão de José Filipe, da Viasónica, como alternativa ao Mark Levinson na condução das Martin Logan. E o resultado foi de tal forma encorajador, que acabei num único fim-de-semana por lhe fazer uma análise mais profunda, também com as minhas colunas.

A minha experiência anterior com a conrad-johnson, no meu sistema, resumia-se à combinação dos prévios Premier 15 e PM-F com o amplificador de potência MF-2250, a qual me deixou marcas pela forma aberta e iluminada (não confundir com brilhante) como era capaz de traduzir a música reproduzida. Não se tratava de um som frontal, nem por oposição demasiado recuado, mas de uma capacida-



de para encher o palco sonoro com luz, mantendo o contraste entre diferentes sons mas simultaneamente preenchendo o espaço entre eles.

É esta mesma noção de contraste e continuidade que caracteriza o som do CA200. A forma subtil como revela cada detalhe, não os expondo demasiado mas apenas o necessário para completar a imagem sonora, a liquidez da gama média, a naturalidade dos agudos, nada agressivos ou sibilantes, e o corpo que resulta da boa integração entre médios e graves, são aspectos que tornam o CA200 um amplificador exemplar.

Onde é que o CA200 poderia ser melhor? Apesar do seu preço relativamente elevado, não estamos ainda num patamar em que um componente tem que fazer tudo e bem, pelo que é difícil criticar um ou outro aspecto do seu desempenho. Por comparação, o Mark Levinson é tonalmente mais escuro, mas também mais sólido e profundo nos registos graves, e onde o conrad-johnson é luz e exuberância, o Mark Levinson é subtilidade e serenidade. O *high-end* é assim mesmo: não existem componentes bons ou maus (bem, na realidade existem alguns...), apenas diferentes.

Depois de um fim-de-semana muito intenso com o CA200, só me resta uma dúvida: porque é que não lhe chamaram conrad-johnson Premier 200?



### Ayre AX-7e

A Ayre Acoustics foi fundada em 1993 por Charles Hansen e, ao contrário de outras companhias criadas na mesma altura (como a Sonic Frontiers ou a Audio Alchemy), mantém-se ainda em plena actividade. O seu primeiro produto, o prévio K-1, vai já na sua versão Xe, e mesmo passados mais de dez anos continua a ser uma verdadeira referência, principalmente pelo seu controlo de volume integralmente discreto e motorizado.

Hansen foi um dos fundadores da Avalon, fazendo igualmente parte do seu *curriculum* a colaboração com a Theta no desenvolvimento do amplificador Dreadnaught. Enquanto projectista, os seus valores assentam em três princípios fundamentais: foco na fonte de alimentação, utilização de circuitos integralmente balanceados, e ausência de realimentação negativa.

O amplificador integrado AX-7e pertence à gama de entrada da Ayre, mas partilha os mesmos princípios dos componentes de topo. O controlo de volume discreto, por exemplo, utiliza FET's e resistências de filme

# Música...

**ProAc**  
perfectly natural



### ELEGÂNCIA E SIMPLICIDADE

Incorporando todo o legado da ProAc na criação de colunas monitoras compactas, as Response 15C têm como resultado uma entrega incrivelmente rápida, poderosa e precisa, combinada com uma gama média raramente experimentada numa coluna de caixa.

### MELHOR E EXTENSA RESPOSTA DE GRAVES

O subwoofer ProAc Response ER-1 é construído especialmente para os sistemas de áudio mais sofisticados. Com um altifalante exclusivo, caracterizado pela ausência de coloração, é capaz de reproduzir um som limpo e natural, complementando na perfeição as colunas principais, seja num sistema stereo de alta performance, ou num sistema de cinema em casa.



**PrimaLuna**



### A BELEZA DAS VÁLVULAS

O novo amplificador DiaLogue One coloca a PrimaLuna num novo nível de performance, introduzindo transformadores de saída melhorados, uma opção de comutação para funcionamento em trióds ou ultralinear, uma entrada para cinema em casa em que a secção de pré-amplificação fica em bypass e inclui ainda um controlo remoto em alumínio polido.

**AUDIO ANALOGUE**  
soundpleasure

### MÚSICA MAESTRO!

O leitor de CDs Maestro 192/24 é um produto que mantém a extraordinária relação qualidade/preço que caracteriza a Audio Analogue, da construção à performance sónica!



*a razão da alta-fidelidade!*



Rua da Madalena, 237 1.º dt 1100-319 LISBOA  
tel: 218 879 115 fax: 218 879 115  
email: delmax@delmax.pt

## TESTE conrad-johnson CA200 e Ayre AX-7e



metálico, funcionando em 66 passos de 1 dB. A atenção a cada detalhe é levada a um nível muito elevado, de tal forma que, uma vez mais como exemplo, o microprocessador que controla o amplificador é desligado sempre que não tem que executar qualquer comando.

Por fora, o AX-7e mais parece um leitor de CD's. De facto, tanto o amplificador integrado como o leitor de CD's da sua gama – o CX-7e – são extraordinariamente semelhantes. O que no AX-7e parece a gaveta de carregamento de discos é na realidade o controlo de volume, que aumenta ou diminui quando pressionado respectivamente no lado direito ou esquerdo. O controlo remoto é uma banal peça em plástico, podendo controlar igualmente o leitor de CD's da marca.

Igualmente invulgar é a identificação das entradas e respectivas teclas no painel frontal, através de símbolos (planetas, estrelas, cometas...) muito curiosos mas igualmente muito pouco práticos e a requererem alguma habitação. O AX-7e inclui quatro entradas de linha (duas balanceadas e duas *single-ended*) e um *loop* de gravação. Tal como o conrad-johnson, pode ser utilizado como amplificador de ganho unitário no contexto de um sistema multicanal, com a diferença que o Ayre pode ser configurado para tal a partir de qualquer entrada.

O AX-7e debita por canal 60 Watt sobre 8 Ohm, e para que não existam dúvidas, pertence a um campeonato diferente do conrad-johnson ou do

Mark Levinson. Isto não quer no entanto dizer que não seja um amplificador muito competente, até porque pelo preço que custa tem mais do que a obrigação de o ser.

O aspecto mais surpreendente depois de ligado foi desde logo a facilidade com que conduziu as Thiel, e isto apesar da sua baixa potência. Se os amplificadores não se medem aos palmos, nem pela sua potência, o AX-7e é disso um bom exemplo. Para além de uma apresentação muito fluida e natural, como consequência da ausência quer de esforço, quer de sinais evidentes de compressão dinâmica, o AX-7e exibiu igualmente uma

sonoridade muito frontal e cheia de ritmo, sendo por norma todas estas características comuns aos amplificadores nos quais é dada especial atenção à fonte de alimentação.

Não se confunda no entanto frontalidade com artificialidade. Frontalidade significa aqui uma perspectiva mais imediata da música reproduzida, como quando numa sala de concertos se assiste a um espectáculo a partir das primeiras filas. O Ayre consegue gerar um palco sonoro amplo e profundo, com os sons perfeitamente delineados, embora com alguma tendência para afunilar ao centro se comparado com amplificadores superiores.





Tonalmente, é um amplificador muito equilibrado. Não tem o peso nem a autoridade do Mark Levinson nas oitavas inferiores, nem a luminosidade do conrad-johnson, mas é um amplificador suficientemente encorpado na difícil transição médios/graves, e muito suave nos registos agudos. A sua interpretação dos registos médios é muito neutra e plena de contraste entre os diferentes sons.

O AX-7e mostrou-se rápido, focado e decidido na forma como reproduziu qualquer tipo de música, mantendo-se seguro e composto na maioria das transições dinâmicas. Apenas vacila quando em absoluto se pede demasiado dele, por exemplo no ataque de um coro e orquestra – é preciso muito mais do que o Ayre e, para este efeito, do que o conrad-johnson ou o Mark Levinson, para se ouvir convenientemente a *Tosca* de Puccini.

Globalmente, o Ayre AX-7e revelou-se um amplificador muito competente. Com as colunas certas, e com uma fonte de sinal de qualidade, o Ayre AX-7e é seguramente uma opção para quem procura como amplificação uma solução simples e eficaz. A sua neutralidade pode constituir uma desvantagem quando comparado directamente com outros amplificadores mais exuberantes ou «coloridos», mas quem procura um amplificador a este nível sabe seguramente o que quer.

Preço conrad-johnson CA200: 7.500,00 €

Preço Ayre AX-7e: 3.650,00 €

Representante: Ajasom

Tel.: 21 474 87 09

# Coimbra tem uma ...NOVACÚSTICA !!!

BOOTHROYD STUART  
**MERIDIAN**  
808 CD + G98 + G68 + DSP5000

naim  
WORLD CLASS HI FI  
CD5i + Nait 5i + Ariva

**NAD**

T-524 + T-763V.2 + Tannoy M-Fusion



**DENON**

DCD-700AE + PMA-1500AE + Tannoy Sensys DC1

**CREEK**

Classic CD + 5350SE + Epos M1 2.2

**InFocus**

IN-78 (NOVO!!!) + NAD Master Series M-55 + M-3

**Novacústica**

Antiga EN-1 – Quinta da Sapata (ShowRoom)  
R. Milagre das Rosas, 31 (Armazém)  
Telef./Fax 239 444 677 | novacustica@mail.pt